

**QUANDO O CORPO É UM SÓ:
SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UM SABER LOCALIZADO¹**

Manuela Ribeiro Cirigliano²

Durante o mestrado em Ciência da Religião, investiguei a escassez de mulheres na área 44 (Ciências da Religião e Teologia) da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) com um recorte temporal bastante específico: o quadriênio 2013-2016. Assim, apesar de investigar a situação de mulheres da minha própria área, o recorte temporal me deslocava do meu objeto de estudo, ao menos do ponto de vista literal. Eu tinha consciência de que estudava um tema com o qual possuía vínculo, mas como aprendi desde a graduação sobre a impossibilidade de produzir um conhecimento neutro e imparcial, me sentia suficientemente segura para me debruçar sobre o objeto de estudo escolhido.

À medida que a pesquisa avançava, no entanto, eu me percebia não apenas próxima do meu objeto de estudo, mas cada vez mais como parte dele até que, finalmente, essa percepção se confirmou. A constatação não se deu de forma racional ou conceitual, mas se manifestou fisiologicamente, através de um nó no estômago, acompanhado da aceleração dos batimentos cardíacos e do suor frio.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, e da Fundação São Paulo (FUNDAESP).

² Doutoranda em Política Científica e Tecnológica (Universidade Estadual de Campinas). <http://lattes.cnpq.br/0792255344394948>. <https://orcid.org/0000-0001-6061-8628>. manuelaribeiro.mrc@gmail.com. Endereço para correspondência: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Departamento de Política Científica e Tecnológica. Rua Carlos Gomes, 250, Cidade Universitária, Campinas, SP, Brasil. CEP: 13083-855. Telefone: (55 11) 995914455.

No fatídico dia dessa constatação física e emocional, eu lia o livro de Londa Schiebinger (2001), *O feminismo mudou a ciência?*, quando me deparei com evidências científicas sobre a forma como as mulheres, em sua maioria, acabavam por postergar suas publicações por sempre acharem que seus artigos precisavam de mais e mais aprimoramento. Os dados me remeteram imediatamente a todos os trabalhos de conclusão de disciplina que eu nunca julgava prontos e aptos para publicação. Ao mesmo tempo em que me lembrava de cada um deles, eu tomava consciência de que estava se manifestando em mim esse conjunto de reações fisiológicas característico do corpo humano quando se sente em perigo.

Talvez você esteja pensando que, dado tamanho envolvimento, seria indicado que eu mudasse o tema do meu trabalho a fim de garantir algum distanciamento. Em retrospectiva, atentei para o fato de que essas manifestações fisiológicas das emoções sempre estiveram presentes nas mais variadas leituras acadêmicas, inclusive naquelas que não se relacionavam diretamente com a minha pesquisa. Além disso, humana que sou, eu estaria em relação com qualquer objeto de estudo que escolhesse no campo das Humanidades (a bem da verdade, em qualquer área do conhecimento).

Portanto, a escolha que se fazia presente girava em torno de três possibilidades: aproveitar essa oportunidade de emoções pulsantes para aprender como manejá-las durante a pesquisa e quem sabe, até torná-las ferramenta de trabalho; postergar o exercício para só realizá-lo em um contexto de emoções mais latentes e menos captáveis; ou abrir mão de qualquer tema em que surgissem reações emocionais, permanecendo assim, alheia e exposta às suas influências no desenvolvimento de qualquer pesquisa.

Abracei a oportunidade.

Minha proposta neste depoimento é relatar os desdobramentos sobre o formato final da minha dissertação de mestrado decorrentes da constatação de que eu era parte do meu objeto de estudo. Para isso, recorro a cinco seções. Através das seções *Reconhecendo meu entre lugar*, e *Se toda perspectiva parte de um ponto, de onde estou olhando?*, apresento o processo de construção dessas reflexões e demonstro como elas influenciaram o próprio desenvolvimento da pesquisa. As sessões *Sobre um lugar invisível*; e *Nós estamos cansadas*, por sua vez, são dedicadas às estratégias que adotei para explicitar esse processo na dissertação em si. O depoimento é concluído na sessão *Por corpos, sobre corpos*.

RECONHECENDO MEU ENTRE-LUGAR

Uma vez que me coloquei como meu próprio objeto de estudo de forma tão explícita, a afluência do componente emocional sobre o processo foi inevitável. No entanto, nada, durante toda a minha trajetória acadêmica, tinha me preparado para lidar com este fato. Eu não tinha uma metodologia apropriada para a inequívoca experiência corpórea que se impunha em muitas das leituras: as respirações prendidas, o coração acelerado, o suor frio, o nó no estômago, as lágrimas, os risos, o relaxamento, a ansiedade, a tristeza, o medo, a alegria, o alívio.

Além de imporem o reconhecimento de uma relação emocional com a pesquisa, todos esses marcadores fisiológicos das emoções – este “domínio proibido” da ciência moderna ocidental, como denomina Virgínia Zavala (2010) – tornaram compulsória a constatação de que não era uma mente que estava produzindo aquele estudo, mas um corpo. Quando digo isso, não quero dizer que me dei conta de que também havia um corpo atuando naquele momento além da minha mente. Em vez disso, o que aconteceu foi uma ruptura com o dualismo-corpo-mente.

A distinção entre o corpo e mente (ou razão/alma/espírito) sempre esteve presente na minha trajetória acadêmica. Minha primeira imersão na universidade e na atividade científica foi em uma graduação em Psicologia – uma formação que não pude concluir, mas que teve grande importância na minha construção como pesquisadora. Alguns anos mais tarde, concluí o bacharelado em Filosofia e tanto em uma formação como na outra, a maior parte do pensamento com que tive contato naturalizava essa divisão.

No campo acadêmico, portanto, as poucas teorias com que tive contato que questionavam essa cisão permaneceram para mim como abstrações teóricas que eu não consegui aproximar, de forma concreta, à minha própria existência. Essa aproximação eventualmente aconteceu, pouco tempo antes do ingresso no mestrado, mas foi motivada por um fator estritamente pessoal: meu diagnóstico de Síndrome de Ehlers-Danlos (SED).

As síndromes de Ehlers-Danlos³ são um conjunto de treze subtipos de uma condição genética rara e hereditária, caracterizadas por um defeito genético que afeta a qualidade da produção de colágeno. Esta proteína é a mais abundante do corpo humano e exerce um importante papel na formação de diversos tecidos corporais, devendo fornecer, ao mesmo tempo, sustentação e elasticidade ao corpo humano, possibilitando, assim, uma movimentação estável.

No caso da pessoa sediana, denominação de quem tem a síndrome, o colágeno se apresenta em quantidades adequadas, mas defeituoso, levando à frouxidão dos tecidos. Como existem diversos tipos de colágenos e eles estão distribuídos por todo o corpo, os órgãos afetados variarão de acordo com o tipo colágeno

³ Apesar de sempre recorrer às bases de dados da área de saúde para compreender melhor minha condição, esclareço que trago as informações sobre a Síndrome de Ehlers-Danlos pela perspectiva de paciente, uma vez que não sou profissional da área de saúde. Dessa forma, as principais fontes de informação que sustentam essa sucinta descrição da condição são a Ehlers-Danlos Society, dos Estados Unidos, a Ehlers-Danlos Support UK, do Reino Unido, GERSED (Grupo de estudo e pesquisa em Síndrome de de Ehlers-Danlos), da França/Bélgica, assim como os sites do médico francês Claude Hamonet e do reumatologista chileno Jaime Bravo, ambos membros fundadores do GERSED.

alterado em cada pessoa, assim como o conjunto de sintomas e sua severidade. A condição não é progressiva ou degenerativa, mas não há cura.

Ainda durante o processo de diagnóstico, iniciou-se uma ressignificação da minha relação com a minha genética, e por consequência, do meu entendimento de corpo. A princípio, eu me via como um ser (alma/mente/espírito) que habitava um corpo, mas à medida que refletia sobre o impacto determinante da minha genética sobre a minha história, o meu comportamento e minhas habilidades e dificuldades, mais ficava evidente que eu era o corpo. Se eu sou corpo e se este não é apenas o receptáculo do que sou, tudo o que sinto, penso e falo sobre o “meu corpo” é, em última instância, o que sinto e penso sobre mim.

Por algum tempo, eu realizei o seguinte exercício: sempre que me percebia utilizando a expressão “meu corpo é”, eu substituía por “eu sou”. Assim, “Eu detesto meu corpo” – uma frase que eu repetia para mim mesma quando as dores frustravam a execução de um plano, por exemplo – se transformavam em “eu me detesto”. Enquanto a linguagem permitia desviar a frustração para o corpo como algo diferente de mim, o sentimento não possuía essa rota alternativa. Se o corpo se machucava, era eu quem sentia, se os limites do corpo eram ignorados, era eu a silenciada. Corpo virou eu.

Naquela leitura do livro de Schiebinger, essas reflexões foram transportadas para a prática profissional. Aquelas tantas reações fisiológicas me fizeram constatar que não seria possível simplesmente colocar de lado aquele corpo que estava produzindo conhecimento. Pelo contrário, sua história (ou seja, a minha história) participava ativamente do desenvolvimento daquela pesquisa e, portanto, compreender minha atuação como pesquisadora significava me reconhecer enquanto um corpo inserido em um contexto social e histórico. Em outras palavras, se mostrava necessário investigar como o fato de ser uma mulher sediana poderia atravessar o meu processo de pesquisa.

As estratégias para realizar esse atravessamento começaram a surgir aos poucos. Pouco antes dessas reflexões começarem a se formar, eu estava cursando uma disciplina sobre a teoria feminista e entrei em contato com o pensamento de Glória Anzaldúa. O tema de um de seus principais livros, *Borderlands/La Frontera* (1987) é a subjetividade da pessoa que vive no entre-lugar:

Tentando se tornar 'objetiva', a cultura ocidental transformou coisas e pessoas em 'objetos' quando estas se distanciavam dela, perdendo, assim, o vínculo com elas. Essa dicotomia é a raiz de toda a violência. Não apenas o cérebro foi dividido em duas funções, mas também a realidade. Assim, pessoas que vivem em ambas as realidades são forçadas a viver na interface entre as duas, forçadas a se adaptarem a uma alternância de modos. Este é o caso das indígenas e das mestiças⁴ (Anzaldúa, 1987, p. 37, tradução nossa).

Anzaldúa é uma mulher *chicana*, ou seja, nascida e residente nos Estados Unidos, mas de ascendência mexicana. Em seu livro, Anzaldúa discorre sobre o não-pertencimento, trabalhando sobre a metáfora da fronteira física entre Estados Unidos e México como simbolismo do entre-lugar étnico, linguístico e sexual. Eu me identifiquei prontamente com a sensação de não-pertencimento que ela explorava, mas, no meu caso, a identificação veio porque, à época, eu tentava compreender se ser sediana fazia de mim uma pessoa com deficiência.

As características mais comuns da síndrome são a hipermobilidade das articulações, que frequentemente resulta em luxações e subluxações; pele elástica, frágil e com dificuldade de cicatrização; dores musculoesqueléticas generalizadas pelo corpo⁵; inflamações, alergias e disautonomia; doenças

⁴ In trying to become 'objective', Western culture made 'objects' of things and people when it distanced itself from them, thereby losing 'touch' with them. This dichotomy is the root of all violence. Not only was the brain split into two functions but so was reality. Thus people who inhabit both realities are forced to live in the interface between the two, forced to become adept at switching modes. Such is the case with the India and the mestiza (Anzaldúa, 1987, p. 37).

⁵ Nesse sentido, guarda semelhanças com a fibromialgia, apesar de serem condições distintas.

pélvicas, gastrintestinais, vasculares, oftalmológicas, neurológicas, entre outras; distúrbios do sono, de concentração, de propriocepção e transtornos psicológicos e psiquiátricos, exacerbados pela vulnerabilidade social dessa população.

Apesar da amplitude da sintomatologia da SED, não existem características físicas explícitas do colágeno frouxo, o que entrava em contradição com o que eu achava que a deficiência era: a falta de algo. A legislação brasileira também não reconhece automaticamente as pessoas sedianas como pessoa com deficiência, mas ainda assim, quanto mais eu lia sobre a experiência de deficiência, mais ela parecia explicar meu cotidiano. Eu me sentia em um limbo ou em um entre-lugar, para utilizar um termo de Anzaldúa.

A grande identificação com os sentimentos expressos por Anzaldúa em *Borderlands* parecia me guiar plenamente nessa investigação, mas isso somente aconteceu até meu encontro com *Falando em Línguas: uma carta às mulheres escritoras do terceiro mundo*, escrita pela *chicana*. Apesar de me identificar com o que Anzaldúa sentia, as experiências geradoras desses sentimentos não apenas eram distintas, como também conflitantes e a leitura da carta da *chicana* explicitou isso.

É improvável que tenhamos amigos nos postos da alta literatura. A mulher de cor iniciante é invisível no mundo dominante dos homens brancos e no mundo feminista das mulheres brancas, apesar de que, neste último, isto esteja gradualmente mudando. A lésbica de cor não é somente invisível, ela não existe. Nosso discurso também não é ouvido. Nós falamos em línguas, como os proscritos e os loucos (Anzaldúa, 2000, p. 229)

Sim, eu sou brasileira e, portanto, também sou do “terceiro mundo”, mas eu também sou uma mulher cisgênero, branca, sudestina, de ascendência europeia e classe média. A fala da *chicana* mostrou que, muitas vezes, eu fazia parte dos

ouvidos que não escutavam seu discurso e assim, compreender quando Anzaldúa falava *comigo* e quando falava *sobre* mim se tornou crucial.

SE TODA PERSPECTIVA PARTE DE UM PONTO, DE ONDE ESTOU OLHANDO?

Para investigar a escassez de mulheres na área de Ciências da Religião e Teologia, recorri a duas fontes de dados relativas ao quadriênio 2013-2016: as informações de docentes e discentes da pós-graduação, disponibilizados publicamente pela Plataforma Sucupira; e a autoria e palavras-chaves dos trabalhos publicados em revistas científicas de programas de pós-graduação em Ciência(s) da(s) Religião(ões)⁶.

Tratou-se, portanto, de uma pesquisa quantitativa que buscava identificar a dinâmica de ocupação de vagas por docentes e discentes da área, assim como a representatividade feminina na publicação de artigos. A temática inseria o objeto da pesquisa diretamente nos debates sobre a inclusão de mulheres na ciência, geralmente relacionados às carreiras STEM (sigla em inglês para Ciência, Tecnologia, Engenharias e Matemática).

Os obstáculos para inserção e permanência das mulheres na academia, são explicados, no âmbito dos estudos sobre mulheres na ciência, majoritariamente por dois fenômenos: a segregação horizontal e a segregação vertical. A primeira é caracterizada pela concentração feminina em um nicho de carreiras, geralmente caracterizadas por elementos associados culturalmente ao feminino, como as profissões relacionadas ao cuidado. Paralelamente, há dificuldade para entrada, permanência e ascensão de mulheres em nichos opostos, frequentemente mais valorizados e melhor remunerados, como as carreiras STEM (Lima, 2008; 2017).

⁶ Atualmente, há 3 nomenclaturas para estes programas no país (Ciência da Religião, Ciências das Religiões e Ciências da Religião) que estão relacionados às perspectivas metodológicas e à concepção do objeto da área (Souza, 2018).

Independente da área, no entanto, verifica-se não apenas uma dificuldade de ascensão das mulheres ao longo da hierarquia acadêmica, como a progressiva redução de sua representatividade à medida em que aumenta o status e remuneração dos cargos, sendo essa a segregação vertical. Em ambos os casos, estão envolvidas significativas cargas de discriminação e assédio moral e sexual, além da ausência de políticas capazes de dar conta do impacto da dupla jornada (a soma do trabalho remunerado com as responsabilidades de cuidado casa e de familiares) e da parentalidade na carreira de mulheres (Lima, 2008; 2017).

Apesar da Ciências da Religião e Teologia não estar situada nas carreiras STEM, os dados revelavam uma área de difícil trânsito e atuação para as mulheres. À medida que avançava nas análises, eu me perguntava como essas barreiras se reconfigurariam por eu ser uma mulher que convive com uma condição genética rara e o significado disso para a minha carreira e conseqüentemente, meu futuro:

Conhecer a experiência enfrentada de forma sistemática pelas mulheres na ciência me conduziu a mais um destes mergulhos, desta vez, em um oceano de lembranças sobre a minha promissora carreira científica prematuramente interrompida, em partes pelas tantas influências que existiam ao meu redor e que me eram desconhecidas à época. Meu passado e futuro, portanto, foram revividos pela ação do presente. “Protege minha calma” - o verso de Dandara Manoela que importava - se mostrou uma oração fundamental, pois em meu trabalho eu sou, a um só tempo, pesquisadora e objeto de estudo (Cirigliano, 2020, p. 16).

Além da ampla gama de sintomas que a população sediana enfrenta em seu cotidiano, há outras barreiras a serem superadas. O Brasil⁷ não conta com políticas públicas de suporte, seja no âmbito da saúde ou no social. A portaria nº 199/2014 do Ministério da Saúde, que institui a Política Nacional de Atenção Integral às Pessoas com Doenças Raras no SUS, por exemplo, segue enfrentando

⁷ Menciono especificamente o caso brasileiro por ser meu local de residência e onde sofro a falta de suporte. No entanto, até onde é de meu conhecimento, a ausência de políticas de suporte à população sediana é o padrão encontrado na maioria dos países.

dificuldades de implantação, conforme aponta Daniela Vieira (2019). A condição tampouco é reconhecida como deficiência pela legislação.

A pluralidade das manifestações torna o diagnóstico difícil de ser realizado, fazendo com que pacientes peregrinem pelos consultórios médicos por anos e até décadas até encontrarem um nome para o seu quadro. Por esse motivo, apesar da condição ser considerada rara, especula-se atualmente que seu principal subtipo, o hipermóvel, é na verdade, comum, mas subdiagnosticado.

Nessa peregrinação, o mais comum é que profissionais de saúde desconheçam a existência da síndrome ou estejam desatualizados. A desatualização acontece tanto em relação aos critérios de diagnóstico, como no que se refere às implicações do defeito no colágeno sobre o funcionamento do corpo e às peculiaridades que incidirão sobre os tratamentos mais corriqueiros (como efeitos colaterais de medicações). Além disso, conforme aponta Claude Hamonet, não é incomum que as queixas da população sediana sejam desmerecidas e/ou psiquiatrizadas:

A maior parte de nossos pacientes é desacreditada quando descrevem sua condição e médicos tendem a ser condescendentes quando os sintomas são enumerados. O uso da frase “está tudo na sua cabeça” está longe de ser incomum. Médicos encaminham estes pacientes a psicólogos e psiquiatras enquanto culpam os próprios pacientes e suas mães, que em um a cada dois casos, também é sediana. Isso começa na infância, com acusações de preguiça, tendência a reclamar por nada, insubordinação e “não parar quieto” em decorrência dos distúrbios que afetam a autopercepção do corpo e mantém estas crianças em constante inquietação. Isto compromete a escolarização, que é fundamental para o futuro destas crianças que, apesar destas dificuldades, apresentam excelentes resultados escolares. A adolescência é caracterizada, especialmente para as garotas, por uma

acentuação dos sintomas em um período já frequentemente difícil para elas⁸ (Hamonet & Ducret, 2017, p. 3, tradução nossa).

Assim, à medida que me apropriava do conhecimento científico referente às barreiras enfrentadas por mulheres para atuarem na ciência, eu relacionava a teoria com a minha própria trajetória e buscava compreender como o fato de ser sediana trouxe outros desdobramentos para esses desafios:

A ideia de um labirinto de cristal - em que entramos em muitos becos sem saída antes de conseguir atingir nosso objetivo sem que essa experiência seja valorizada - representa particularmente bem a minha trajetória na ciência. Meu bacharelado foi conquistado 6 anos depois do previsto, meu ingresso no mestrado aconteceu 7 anos mais tarde do que eu havia planejado e o percurso nesse interim me levou a caminhos diversos que passaram, inclusive, pelo gerenciamento de uma orquestra. A experiência que adquiri nesse período foi fundamental para a minha construção como cientista, mas é considerada irrelevante nas pontuações que importam para o universo acadêmico (Cirigliano, 2020, p. 40).

Por outro lado, o diálogo com Anzaldúa – que às vezes era comigo e às vezes era sobre mim – me ajudava a identificar como os números encontrados na pesquisa poderiam igualmente conter realidades similares às minhas, mas também outras tantas vastamente distintas. Essa percepção foi consolidada pela leitura que realizei na sequência aos textos de Anzaldúa: *Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*, de Donna Haraway (1995).

⁸ Most of our patients face disbelief when describing their condition and doctors tend to be condescending when symptoms are enumerated. He use the phrase "it is all in the head" is far from uncommon. Doctors refer patients to psychologists and psychiatrists while blaming patients and the mother who, once in two cases, is also detected. His begins in childhood, with accusations of laziness, tendency to complain for nothing, insubordination and not staying still because of body perception disorders that force these kids to fidget constantly. His compromises schooling which is essential for the future of these children who, despite these difficulties, have excellent academic results. Adolescence usually marks, especially among girls, an accentuation of symptoms in a period, often difficult to live for them (Hamonet & Ducret, 2017, p. 3)

Com a leitura deste ensaio, pude construir estratégias para garantir o atravessamento da pesquisa pelos momentos em que Anzaldúa falava comigo (as situações em que havia identificação) e quando ela falava sobre mim (experiências distintas, quando eu poderia estar mais próxima da posição do opressor a quem ela se referia).

Para Haraway, é um equívoco acreditar que é possível analisar um objeto de forma distanciada e externa a ele, algo que ela chama de “truque de deus”. Para ela, a objetividade científica vem de uma racionalidade posicionada, ou seja, de cientistas conscientes de que não podem se deslocar da relação com o objeto a ponto de vê-lo “de fora”. Trata-se de cientistas que se encontram em um lugar particular, o que proporciona um campo de visão específico, ao mesmo tempo limitado – já que seu alcance é restrito – e abrangente – uma vez que a proximidade permite conhecer especificidades e detalhes contidos no campo de visão.

O saber localizado é um conceito político porque, para Haraway, quem se situa às margens do organismo social ocupa um lugar privilegiado no conhecimento e reconhecimento de certas estruturas. Esse lugar não se confunde, no entanto, com uma visão inatamente correta ou impassível de críticas, mas que tem “uma possibilidade decente de reconhecer o truque de deus e toda a sua brilhante – e, portanto, engeuecedora – iluminação (Haraway, 1995, p. 23)”:

Ainda que eu tenha ciência das desigualdades que assolam o sistema educacional e o país como um todo, é primordialmente através do gênero que o cotidiano me impõe a consciência quase sensorial de que estou à margem. As barreiras que experiencio por ser uma zebra médica também impõem essa consciência e experiência, mas por suas características não serem imediatamente visíveis para outras pessoas, esse processo acontece de outra forma. Ter isso em mente me permite compreender melhor quais são os pontos em que posso me comportar

como sujeito universal e tomar precauções para ao menos me esforçar para evitá-los (Cirigliano, 2020, p. 64).

Reconhecer essa localização, por sua vez, é um tanto desafiador, já que, como a própria autora pontua, “não estamos imediatamente presentes para nós mesmos (Haraway, 1995, p. 25)”. No desenvolvimento da minha pesquisa, portanto, eu me vi com dois objetivos, ainda que um deles não constasse do meu projeto de pesquisa: analisar a atuação das mulheres na área de Ciências da Religião e identificar a localização de onde eu construía conhecimento, ou seja, tornar-me presente para mim.

Como relatei anteriormente, eu já havia iniciado minha busca por “tornar-me presente a mim mesma” antes do mestrado, com outras finalidades. Eu tentava compreender o que significava ser uma mulher sediana em meu contexto social, mas ao ser interpelada pela pesquisa, compreendi que eu não era apenas uma mulher sediana. Como afirma Haraway, é perigoso requerer para si uma perspectiva de margem que não se sustenta, o que deu sentido aos diferentes momentos da minha conversa com Anzaldúa. Eu estava no entre-lugar discutido por ela, com algumas experiências mais características das margens e outras mais do centro.

A desigualdade étnico-racial tão presente no texto da *chicana*, por exemplo, era uma lembrança constante de que, no balanço das vagas ocupadas por mulheres na pós-graduação, meu lugar de margem se resumia à experiência de mulher com síndrome rara. Como mulher branca, apesar das inúmeras barreiras enfrentadas, eu tive acesso ao ensino superior e a uma formação científica que teve um importante papel no meu processo de diagnóstico e tem, até hoje, na manutenção de cuidados e tratamentos. Para a população negra, por sua vez, o ensino superior permanece um espaço de acesso restrito, como aponta Paula Barreto (2015):

Essas evidências confirmam que houve redução da desigualdade racial na educação nas últimas décadas, em especial a partir dos anos 2000, mas que persistem as desvantagens de pretos e pardos quando comparados aos brancos em termos de acesso a oportunidades educacionais: as desvantagens aumentam a partir do ensino médio e chegam ao máximo no ensino superior (graduação e pós-graduação) (Barreto, 2015, p. 44).

Os números que encontrei na pesquisa, portanto, continham outros abismos ocultos. A experiência de rastrear a minha própria localização serviu como um norteador para construir uma bibliografia que me ajudasse a não deixar de notá-los e destacá-los, ainda que o recorte metodológico não possibilitasse um aprofundamento.

Nesse sentido, permitir-me ser conduzida livremente pelo pensamento da Anzaldúa foi um exercício fundamental, pois de acordo com Maria Luísa Eschenhagen *et al* (2018, p. 73), a problematização para Anzaldúa é “uma perspectiva epistemológica ontológica, uma relação com o mundo e uma busca por conhecer a si mesmo”. Nas palavras da própria chicana:

Olhar para dentro de mim e para a minha experiência, olhar para os meus conflitos, gera ansiedade em mim. Ser uma escritora é muito parecido com ser um *chicana*, ou ser *queer* - muito contorção, esbarrando em todos os tipos de paredes. Ou o seu oposto: nada definido ou definitivo, um estado de limbo flutuante e ilimitado, onde eu chuto meus calcanhares, medito, me infiltro, hiberno e espero que algo aconteça. [...] Escrever é isso para mim, um ciclo sem fim de fazer piorar, fazer melhorar, mas sempre dando sentido à experiência, seja ela qual for⁹ (Anzaldúa, 1987, p. 72-73, tradução nossa).

⁹ Looking inside myself and my experience, looking at my conflicts, engenders anxiety in me. Being a writer feels very Much like being a Chicana, or being queer – a lot of squirming, coming up against all sorts of walls. Or its opposite: nothing defined or definite, a boundless, floating state of limbo where I kick my heels, brood, percolate, hibernate and wait for something to happen. [...] That’s what writing is for me, an endless cycle of making it worse, making it better, but Always making meaning out of the experience, whatever it may be (Anzaldúa, 1987, p. 72-73).

Este processo, portanto, não foi exclusivamente teórico ou abstrato. O mapeamento das minhas reações emocionais foi importante para a construção da bibliografia da dissertação com a qual eu faria os números encontrados conversar. Ler as experiências de discriminação e exclusão relatadas por Anzaldúa me fizeram revisitar, com o coração saltando na garganta, a minha história e as da minha família e instigaram a inclusão do tema da baixa representatividade de mulheres negras na pós-graduação na pesquisa. Por outro lado, chorar pensando no meu passado e futuro me levou a procurar saber mais sobre a inclusão de pessoas com deficiência na educação universitária.

Como eu passei a permitir as reações emocionais que o objeto de estudo era capaz de produzir em mim, isso possibilitou que eu construísse uma relação dialética com ele: ao me aproximar dele, seja pelos dados coletados ou pela literatura, eu observava atentamente o disparo de reações emocionais – fartamente detalhados por Anzaldúa – e justamente nesses temas é que eu me aprofundava, tanto na temática em si como nas explicações da *chicana*:

*Voy cagándome de miedo, buscando lugares acuevados*¹⁰. Eu não quero saber, eu não quero ser vista. Minha resistência, minha recusa em saber alguma verdade sobre mim me traz paralisia, depressão – traz o estado de Coatlicue. A princípio, me sinto exposta e aberta para o mais profundo da minha insatisfação. Então, sinto-me fechando, escondendo-me, me segurando, em vez de me permitir desmoronar. Suando, com dor de cabeça, sem disposição para me comunicar, assustada com barulhos repentinos, *estoy asustada*. [...] ‘Tomar conhecimento’ é doloroso porque depois que ‘isso’ acontece eu não posso ficar no mesmo lugar e me

¹⁰ Os trechos em espanhol não foram traduzidos para conservar a dinâmica linguística característica do texto original de Anzaldúa (Spanglish).

manter confortável, eu não sou mais a mesma pessoa que era antes¹¹
(Anzaldúa, 1987, p. 48, tradução nossa).

Ao fazer isso, eu procurava examinar tanto o conhecimento científico sobre o assunto como também as relações que estabelecia com ele em meu cotidiano. Essa estratégia possibilitou que eu ganhasse um pouco mais de consciência tanto sobre a minha localização na estrutura social como a do próprio objeto. Ao retornar a ele para analisá-lo, nossa relação já se mostrava outra, reconfigurada.

Em outras palavras, buscando produzir um conhecimento situado, eu permiti que o próprio objeto de pesquisa me informasse sobre quem eu sou e sobre onde me encontro na estrutura social – inclusive em relação a ele – para que só então eu pudesse construir uma análise de dados e uma apresentação de resultados compatível com essa localização. Isso garantiu que o “tornar-me presente a mim mesma” não se resumisse a um ou dois parágrafos de apresentação na introdução da dissertação, mas atravessasse metodologicamente toda a produção e a comunicação da pesquisa.

SOBRE UM LUGAR INVISÍVEL

Eu já havia compreendido que minha perspectiva de mulher sediana norteia a forma como apreendo o mundo e isso implicou pensar a invisibilidade. A SED é considerada uma condição invisível porque, a não ser que eu mostre os contorcionismos que o tecido conjuntivo frouxo me permite fazer, você não seria capaz de imaginar que eu sou sediana. SED não tem cara.

¹¹ Voy cagándome de miedo, buscando lugares acuevados. I don't want to know, I don't want to be seen. My resistance, my refusal to know some truth about myself brings on that paralysis, depression – brings on the Coatlicue state. At first I feel exposed and opened to the depth of my dissatisfaction. Then I feel my self closing, hiding, holding myself together rather than allowing my self to fall apart. Sweating, with a headache, unwilling to communicate, frightened by sudden noises, estoy asustada. [...] 'Knowing' is painful because after 'it' happens I can't stay in the same place and be comfortable, I am no longer the same person I was before (Anzaldúa, 1987, p. 48).

Além disso, minha sensação como sediana é de ser invisível para a ciência, para as políticas públicas (sociais, de saúde, de educação), para profissionais de saúde, para as instituições de fomento. Nós estamos sempre tentando nos encaixar em um mundo pensado e construído para pessoas que não têm a mesma matriz corporal que a nossa, apesar de externamente serem exatamente como nós.

A compreensão dos elementos comuns entre a minha experiência sediana e das pessoas invisíveis para a área de Ciências da Religião e Teologia foi o passo seguinte nesse processo de investigação. E se, para compreender meu objeto era preciso entender minha localização, a mesma ação se fazia necessária para o próprio objeto. Por isso, a área 44 não foi analisada apenas em si, mas em relação a todo o Sistema Nacional de Pós-Graduação.

A invisibilidade também parecia estar presente na área 44, pois logo no começo da pesquisa, ainda durante a revisão de literatura, descobri que apenas 18% do corpo docente da área de Ciências da Religião e Teologia era composto por mulheres (CAPES, 2016). Posteriormente, com os dados coletados, constatei que a presença feminina também era escassa no corpo discente da área. Assim, da mesma forma que o objeto falou sobre mim, ele também falou sobre o sistema de pós-graduação e sobre o fazer científico:

A segunda informação importante para identificarmos a invisibilidade das mulheres de CR reside na constatação de que a maior parte das áreas de avaliação que superaram a sub-representatividade de mulheres da A.44-Ciências da Religião e Teologia pertencem às grandes áreas de Engenharias e Ciências Exatas e da Terra. [...] as mulheres de CR, Teologia e Filosofia enfrentam uma dupla invisibilidade, pois não são contempladas por projetos, ações e fomentos que têm o propósito de alcançar as áreas onde há maior sub-representação de mulheres ao mesmo tempo em que vivem uma experiência bastante distinta da

vivenciada pelas demais mulheres de sua grande área (Cirigliano, 2020, p. 74).

Os corpos docente e discente da área pareciam ser extremamente uniformes. Como estaria, então, a diversidade de pontos de vista? Quanto lugares – experiências, realidades – estariam invisíveis de tão distantes que estavam do alcance de visão desse corpo uniforme? Se os dados responderiam, por si só, a essas perguntas, a forma da redação precisava demonstrar o atravessamento do trabalho pela invisibilidade e por isso, dirigi a mesma lupa ao texto. Por isso, a primeira ruptura que optei por trazer para a dissertação foi retirar a pessoa que está lendo da invisibilidade. Para isso, fiz exatamente o que já fiz nesse texto – me dirigir diretamente a você:

Eu me fiz presente desde o primeiro parágrafo deste texto ao me expressar com uma redação na primeira pessoa do singular e te mantive invisível até agora, como seria esperado na maioria dos trabalhos acadêmicos. Quando um texto é lido, algo inegável acontece: duas pessoas ocupam o mesmo espaço em diferentes tempos e juntas, elas constroem conhecimento. À frente do texto, senta-se quem escreve e quem lê. Não há, aparentemente, nenhuma grande novidade nisto, mas esta é uma dissertação sobre presença e invisibilidade. Reconhecer a sua presença – sim, a sua – se torna uma questão epistêmica, pois eu não construo conhecimento sozinha: fazemos um novo conhecimento em conjunto a cada palavra que você lê. [...] . Por isso, peço desculpas – sem, no entanto, pedir licença – mas este não será um trabalho como os que você costuma ler no ambiente acadêmico, simplesmente porque torno explícita a sua presença nesta conversa que é a escrita-leitura (Cirigliano, 2020, p. 23).

Tirar a pessoa que lê da invisibilidade, no entanto, não se mostrou suficiente. Eu precisava demonstrar a ela a dinâmica de construção deste conhecimento situado e por isso, recorri mais uma vez a Anzaldúa, dessa vez, para produzir o que chamei de uma *leitura localizada*:

Eu não tenho qualquer ilusão de que alguns capítulos serão capazes de te tornar um corpo localizado - acredito sinceramente que este seja o exercício de toda uma vida acadêmica e cidadã - mas estamos produzindo conjuntamente um conhecimento. Como desloquei o lugar da produção do conhecimento para o momento em que conversamos, precisamos enriquecê-lo com sua conscientização em relação ao seu corpo enquanto ser político e por esse motivo instigo estas reflexões, necessárias para que você possa realizar o que quero chamar aqui de uma leitura localizada (Cirigliano, 2020, p. 65).

Em *Borderlands/La Frontera*, Anzaldúa adota uma característica marcante em seu texto. Todos os temas abordados pela *chicana* são mediados por relatos pessoais da autora. Cada exposição de uma experiência íntima conduz a um relato da formação da população *chicana*, à história do feminino renegado neste processo, à experiência de entre-lugar, às críticas feministas, como no excerto abaixo:

Eu internalizei a raiva e o desprezo, uma parte do self (o acusador, persecutório, julgador) usando estratégias de defesa contra outra parte do self (o objeto do desprezo). Como pessoa, eu, como povo, nós chicanos, nos culpamos, nos odiamos, nos aterrorizamos. A maior parte disso ocorre inconscientemente; sabemos apenas que estamos sofrendo; suspeitamos que há algo "errado" conosco, algo fundamentalmente "errado"¹² (Anzaldúa, 1987, p. 45, tradução nossa).

No entanto, minha identificação com o texto de Anzaldúa não aconteceu apenas pelo seu conteúdo, mas também com o processo de escrita detalhado pela *chicana*, que remete a um estado emocional denominado por ela de *Estado de Coatlicue*. Sua descrição da imersão nesse estado parecia descrever a minha própria:

¹² [...] I have internalized rage and contempt, one part of the self (the accusatory, persecutory, judgmental) using defense strategies against another part of the self (the object of contempt). As a person, I, as a people, we Chicanos, blame ourselves, hate ourselves, terrorize ourselves. Most of this goes on unconsciously; we only know that we are hurting; we suspect that there is something 'wrong' with us, something fundamentally 'wrong' (Anzaldúa, 1987, p. 45).

Me perguntei algumas vezes se Anzaldúa me vigiava com uma câmera escondida, pois ela descreveu quase que literalmente o meu próprio processo de escrita. Com exceção da tela de cinema, eu me deitava em silêncio, no escuro, para escutar a dissertação ganhando forma em minha mente, assim como fazia a *chicana*. O processo era excepcionalmente rápido, assim como descreve Anzaldúa e qualquer tentativa de registrá-lo significaria interrompê-lo e perdê-lo por completo, por isso eu o repetia sucessivamente até compreender sua essência para transformá-lo em tinta no papel. No final das contas, essa dissertação sempre teve vida própria e eu fui apenas uma ferramenta para que ela ganhasse corpo (Cirigliano, 2020, p. 111-2) .

Assim, inspirada pelo que a *chicana* faz em *Borderlands/La frontera*, eu trouxe algumas experiências pessoais para o texto, como um pouco das barreiras que enfrento no meu cotidiano, meu processo de diagnóstico e alguns percalços relacionados à síndrome que impactaram minha carreira de pesquisadora. Esses relatos foram meticulosamente selecionados para provocar a mesma montanha-russa de experiências corpóreas que eu vivenciei na leitura de *Borderlands/La frontera* e na produção da pesquisa, instigando a pessoa que estiver lendo a refletir sobre seu próprio corpo e sua localização:

Esta situação faz com que, frequentemente, o diagnóstico seja acompanhado de alívio – como foi o meu caso – porque ele confirma sua sanidade mental: não é coisa da sua cabeça, você não está louca e tudo finalmente faz sentido. É importante observarmos, no entanto, que as queixas de mulheres, especialmente no que se refere à dor, são frequentemente subestimadas e desconsideradas nos serviços de saúde, mas a forma como essa desqualificação irá acontecer será determinada pela raça, orientação sexual, classe social e deficiência da mulher (Hoffmann & Tarzian, 2001; Pryma, 2017; Kempner, 2017; São Bento & Moreira, 2017). Na prática, além da negação do tratamento, a própria saúde mental da mulher é impactada pela desapropriação de sua autopercepção corporal, em uma espécie de *gaslighting* institucionalizado. Como a dor, há muitas coisas que não estão apenas em nossas cabeças de mulheres e que tampouco são naturais ou

lógicas. Entre elas, estão as barreiras que as mulheres enfrentam para fazer ciência (Cirigliano, 2020, p. 36).

Eventualmente, eu até mesmo induzia a formulação de questionamentos que eu só viria a responder posteriormente, exigindo, assim, que a pessoa se posicionasse sobre o assunto antes de mim:

[...] compartilhei com você um pouco da minha experiência como mulher sediana, o que nos ajuda a pensar sobre mecanismos de exclusão de certos grupos da sociedade em decorrência da forma como a ciência vem sendo produzida. Nesse sentido, peço que reflita um pouco sobre o conhecimento que existe sobre seu corpo e sua saúde. Você encontra dificuldades em acessar serviços de saúde da rede pública ou privada? Os medicamentos produzidos atualmente dão o suporte que necessita para realizar suas atividades cotidianas? (Cirigliano, 2020, p. 34).

Sustentar a inclusão da população sediana no âmbito da deficiência demanda argumentos científicos, por isso, apenas para proporcionar uma comparação rápida, realizei uma pesquisa no final de setembro de 2020 na PubMed - importante base de dados da Medicina, buscando pelas expressões Ehlers Danlos Syndrome, que retornou aproximadamente 3900 resultados e Autism que retornou aproximadamente 48.000 respostas. Invisibilidade na ciência é supressão de cidadania (Cirigliano, 2020, p. 69).

Para reforçar este efeito, a todo o tempo eu transitei entre a voz passiva típica do texto acadêmico; a primeira pessoa do singular e a primeira pessoa do plural (quando “chamava” quem lê para uma questão específica). O objetivo era promover espaços de retorno à zona de conforto da leitura tradicional intercalados pela interpelação direta, a ação conjunta ou pela aproximação com o meu universo particular.

Para que essa dinâmica produzisse o efeito esperado, eu recorri minimamente aos parágrafos que costumam servir de guia da leitura e informam os passos que

serão dados dentro de cada capítulo ou seção. Assim, a pessoa que lê seria conduzida por esse trânsito entre universos sem uma referência clara e portanto, sem oferecer grande resistência. Outra estratégia que utilizei foi a imposição de que eu fosse “encontrada no meio do caminho”, uma frase que Anzaldúa traz no prefácio de seu *Borderlands/La frontera* e que foi a epígrafe principal da dissertação.

Explicar todo o universo de experiência de uma pessoa rara ocuparia todo o texto e exigiria uma pesquisa (ou várias!) somente sobre esse tema. Com isso, pretendi demonstrar que trazer as margens e os lugares invisíveis para o protagonismo exige um esforço conjunto com quem lê: é preciso que essa pessoa se proponha a investigar um pouco sobre essa realidade que desconhece da mesma forma que se aproxima da literatura existente de um tema que intenciona pesquisar.

Essa estratégia também se mostrou relevante para impor uma degustação da experiência de invisibilidade vivida por pessoas raras. Dada a insuficiência do suporte recebido na saúde, nós temos que nos familiarizar constantemente com a linguagem médica e nos dedicar a leituras técnicas para o manejo de nossa própria saúde. Ou seja, nos apropriamos de um mundo ao qual não pertencemos e que não é escrito para o nosso corpo. Por isso, alguns nomes e conceitos, como o caso de alguns termos médicos, foram apenas brevemente apresentados, sem grande aprofundamento. No entanto, a adoção dessa ferramenta só acontecia em contextos em que o entendimento da ideia central não fosse prejudicado pela ausência dessas explicações.

Outra característica central do texto de Anzaldúa é a confluência de estilos literários. *Borderlands/La Frontera* é dividido em duas partes. Na primeira parte, os capítulos são apresentados com um estilo ensaístico, com eventuais poesias da própria autora. A segunda parte, no entanto, é inteira apresentada em estilo poético, onde a expressão de sua subjetividade e de suas emoções se tornam o elemento principal.

Minha estratégia para trazer esse elemento pessoal para a dissertação foi incluir artistas, expressões e relatos que dialogam com o “meu mundo”. Para consolidar essa ponte, criei um site onde reuni vídeos e informações de todas as referências não acadêmicas que trouxe para a dissertação, cujo endereço de acesso foi informado através de notas de rodapé sempre que uma dessas referências era citada no texto.

O principal veículo para inserção dessas referências não-acadêmicas no texto foram as epígrafes, pois cada capítulo foi iniciado com uma delas. Sua função foi representar o fio condutor desse processo de rastreamento da minha localização e ditar o tom das experiências pessoais que seriam trazidas ao capítulo para evidenciar como o objeto me informou sobre mim. Por esse motivo, as motivações para a sua escolha geralmente foram explicitadas:

Não há nada a curar em vocês, nada a mudar. Seu papel não é se encaixar em um molde, mas sim ajudar os outros – todos os outros – a sair dos moldes em que estão presos. Você não está aqui para seguir um caminho predefinido, mas, ao contrário, para seguir o seu próprio caminho e convidar aqueles ao seu redor a pensar fora da caixa. Ao abraçar sua verdadeira identidade, aceitando sua singularidade, você se torna um exemplo a ser seguido. Você tem o poder de romper essa camisa de força normativa que sufoca a todos nós e nos impede de viver juntos com respeito e tolerância. Sua diferença não é parte do problema, mas da solução. É um remédio para essa sociedade, doente de normalidade.

Dedicatória de Julie Dachez em A Diferença Invisível

O corpo científico parece insistir em acreditar que um único tipo de cola dará conta de realizar a função que só seria adequadamente realizável por um conjunto de tipos de colágeno. Dispensando os outros tipos de colágeno e todas as variações mais ou menos elásticas que podem

derivar deles, a área se esforça para fazer seu universo de pesquisa se adequar à sua capacidade limitada de conexão. É nesse sentido, que o uso da dedicatória que Julie Dachez (2017) escreveu em *A Diferença Invisível* como epígrafe deste capítulo é tão pertinente (Cirigliano, 2020, p. 103).

Tradicionalmente, apresentamos o resultado da pesquisa em nossa dissertação ou tese e publicamos alguns artigos que possibilitem a análise de nossa produção pela comunidade científica. Como, na prática, eu me vi produzindo duas investigações ao mesmo tempo, se tornou necessário que a dissertação desse conta de explicitar os resultados de ambos os processos. Por esse motivo, a forma de apresentação da redação científica, normalmente regida pelas normas acadêmicas, passou por inúmeras rupturas que simbolizassem esse processo. Ainda que eu não tenha deixado de apresentar na dissertação os resultados da minha pesquisa “oficial”, seu aprofundamento ficou reservado aos artigos científicos, o que garantiu à dissertação uma função diferenciada: um espaço de exposição do processo de construção da pesquisa e o meu próprio processo de construção enquanto pesquisadora.

NÓS ESTAMOS CANSADAS

Todo o processo de produção da pesquisa e de escrita da dissertação foram acompanhados paralelamente pelos meus primeiros contatos com o modelo social da deficiência e o confronto do meu próprio capacitismo (e aqui, peço que você me encontre no meio do caminho e procure saber mais sobre esses termos). Assim, procurei desenvolver estratégias na construção do texto que partiram da consciência do esforço que eu mesma preciso fazer para manter a concentração em capítulos muito longos e da lembrança das muitas vezes em que posterguei o início de uma leitura por saber que o curto tempo disponível não me permitiria terminá-la de uma só vez. Mas elas também foram uma tentativa,

ainda inicial, de reconhecer como os padrões de textos atingem os diferentes corpos e de dirigir meus escritos às suas necessidades diversas.

A revisão da literatura sobre mulheres na ciência me mostrou que a sobrecarga feminina com as múltiplas jornadas impostas pelos estereótipos de gênero – o cuidado do lar, a maternidade, o cuidado da família, o trabalho remunerado, os estudos – exercem grande influência no afastamento de mulheres de suas carreiras científicas e se transformam em desvantagem na concorrência por oportunidades acadêmicas (Lima, 2008; 2017). As mulheres estão cansadas, enquanto as pessoas sedianas geralmente convivem com o adicional das dores crônicas e da fadiga crônica.

Por esse motivo, as normas da ABNT e do mundo acadêmico foram esticadas ao máximo de forma que a estrutura da dissertação estivesse compatível com a realidade de pessoas que sofram com a fadiga crônica, a exaustão, o acúmulo de atividades, o malabarismo dos estudos realizados em pé nos longos trajetos entre escola, casa e trabalho em transportes coletivos lotados. Com essa estratégia, eu tentava produzir uma dissertação que não cortasse a minha própria carne – ou que, ao menos, não a ferisse profundamente. Com sorte, quem sabe, meu texto também não cortaria profundamente a carne das mulheres e de outros grupos sub-representados na área 44.

A linguagem foi o primeiro ponto de atenção. Busquei construir frases fluidas e adotar um vocabulário em que as palavras mais próximas do cotidiano tinham prioridade, de forma que o dicionário não se tornasse um acompanhante obrigatório da leitura da dissertação. Além disso, priorizei a legibilidade dentro do que era permitido pelas normas ABNT e por isso produzi o texto em fonte Arial, adotando sempre a maior tamanho permitido, de forma a poupar vistas cansadas:

Dentre as possibilidades de escolha da ABNT, escolhi a fonte Arial e adotei o tamanho 11 nas tabelas para garantir maior legibilidade para as pessoas com baixa visão (MEÜRER, GONÇALVES E BATISTA, 2014). A junção dessas medidas torna a leitura e apreensão do trabalho mais acessível a pessoas com condições como fadiga crônica, brain fog, esclerose múltipla, transtorno de déficit de atenção, dificuldades visuais, ou simplesmente pessoas que precisam aproveitar preciosos minutos no ônibus para conseguir dar conta do volume de leitura necessário para sua formação, como é a realidade de tantas pessoas no país (Cirigliano, 2020, p. 120).

Ao mesmo tempo em que me dediquei a criar uma experiência de leitura situada através da provocação de reflexões, houve um cuidado para que este não fosse um processo hostil. Nesse sentido, a aproximação com uma conversa trouxe a possibilidade de simplesmente chamar a quem lê nos momentos que pudessem estar se tornando cansativos, recuperando, assim, a sua atenção e dando ritmo à leitura. Além disso, me preocupei em garantir que o contato com o tema abordado não fosse agressivo, pensando principalmente na possibilidade de a pessoa que está lendo já sofrer com a imposição cotidiana de algum aspecto abordado na dissertação. Assim, a estratégia de dialogar com a pessoa favoreceu a produção de um texto mais leve, ainda que o assunto em si fosse pesado.

A estrutura interna do trabalho também sofreu alterações substanciais. Em vez dos tradicionais capítulos de introdução, discussão e conclusão, a dissertação contou com oito capítulos de tamanho reduzido, que variaram entre 12 e 18 páginas, escritos com característica ensaística e desenvolvidos em torno de um tema central. A ordenação dos capítulos, por sua vez, refletiu o processo de contextualização da área em relação ao Sistema Nacional de Pós-Graduação.

Após dois capítulos de função introdutória, o texto seguiu pela experiência das mulheres cientistas, pela estruturante desigualdade social no acesso à educação

no país, pela localização da área de Ciências da Religião e Teologia em relação às demais áreas de avaliação da CAPES, chegando finalmente a um mergulho nos meandros internos da área 44. A paginação, por sua vez, sempre era informada quando eu mencionava algo que fazia parte de um capítulo anterior, de forma a facilitar a recuperação do conteúdo e consequentemente, o entendimento.

Por fim, as experiências emocionais a que induzi quem lia foram devidamente esclarecidas no último capítulo do texto:

Muito do que aconteceu ao longo deste trabalho foi elaborado para provocar em você algumas experiências: a de existir e não existir, a de estar presente e não estar, a de estar visível e não estar. A de ingressar nos domínios de Coatlicue, trazendo para a superfície todos os questionamentos que eu mesma fiz conforme estudava e os impondo a você, ao mesmo tempo que trazia constantes relatos pessoais para provocar que você, automaticamente, pensasse se já esteve (ou está) na mesma situação e sobre como a conduziu ou conduziria (Cirigliano, 2020, p. 119-120).

POR CORPOS, SOBRE CORPOS

Minha dissertação foi sobre corpos – meu, o corpo docente de Ciências da Religião e Teologia, o corpo discente da área 44, o das pessoas que lerão, eventualmente, meu trabalho de conclusão do mestrado – mas acima de tudo, ela foi sobre a constatação de que, antes da mente, é sempre um corpo quem conhece e produz conhecimento. É fundamental ressignificarmos seu papel no processo de produção de saberes.

“Somente aqueles que ocupam posições de dominadores são auto-idênticos, não marcados, incorpóreos, não mediados, transcendentos, renascidos”, diz Donna Haraway (1995, p. 37). No entanto, depois dessa conversa tão rica que tive com ela e com Gloria Anzaldúa, o que me parece é que, ao menos aqui, do lado

debaixo do Equador, toda pessoa que produz conhecimento é um tanto marcada, um tanto incorpórea – seja pela cultura, seja pelo treinamento científico. Como no entre-lugar de Anzaldúa, não somos nem uma coisa e nem outra. Ao mesmo tempo, somos um pouco de tudo.

Entre as coisas mais importantes que aprendi nesse processo de rastreamento da minha localização está a constatação de que não estar no centro não significa estar na margem e ainda de que é possível estar no centro e ao mesmo tempo, não estar. Além disso, Donna Haraway (1995) me alertou do perigo existente em presumir ocupar um lugar à margem e alegar possuir tal perspectiva. Anzaldúa, por sua vez, me mostrou como, muitas vezes, eu me parecia muito mais com sua opressora do que com ela.

Acolher essas escutas foi fundamental porque, se na pesquisa, tradicionalmente, o problema de pesquisa é a bússola, no rastreio da localização é a pergunta de Haraway (1995, p. 22) quem deve nortear: “com o sangue de quem foram feitos os seus olhos?”. Tentar responder a essa questão não apenas auxiliou a construção de um conhecimento situado, mas transformou minhas relações pessoais e minha visão de mundo.

Após essa jornada epistemológica ontológica proporcionada por meu encontro com Haraway e Anzaldúa, o que levo comigo é que corporificar-me é um exercício fundamental e infindável, uma tarefa contínua a ser realizada enquanto eu, um corpo, quiser produzir ciência com objetividade. Não sei dizer se as estratégias que utilizei em meu texto serão eficientes e se conseguirei produzir os efeitos que pretendia. Talvez a pergunta correta não seja *se*, mas *com quem* essas estratégias serão eficientes. Eu também sei que este foi apenas o meu primeiro exercício de localização e que muitas outras questões serão trabalhadas em exercícios futuros, pois “com o sangue de quem foram feitos os seus olhos?” é uma pergunta que, infelizmente, não se finda em uma sociedade estruturada pela opressão.

Durante o processo de revisão deste depoimento, foi interessante observar como este trabalho foi percebido como uma autoetnografia, apesar de eu não ter recorrido a seus recursos metodológicos conscientemente. Pelo contrário, todo o processo resultou do transbordamento de um exercício analítico dos conceitos encontrados no percurso da pesquisa. O apontamento de ambas as pessoas envolvidas na revisão deste depoimento de que minha dissertação foi um exercício autoetnográfico, no entanto, abre espaço para que seja destacada a importância desse recurso metodológico na produção de pesquisas por cientistas que não queiram incorrer no “truque de Deus”, independentemente de sua área do conhecimento.

É importante destacar, no entanto, que optei por expor meu processo de construção dessa consciência sobre o meu lugar ao trazer este exercício para a redação final da minha dissertação. Encarei como uma experimentação, um exercício da minha capacidade de interpretar, inovar e contribuir com a teoria, mas essa exposição não deixa de vir acompanhada de receios e de uma sensação de vulnerabilidade. Justamente por isso, não deve, jamais, ser obrigatória:

Esse processo, no entanto, não foi simples. Ele foi permeado por dúvidas, receios e acima de tudo, questionamentos. Será realmente relevante trazer minha experiência como mulher sediana para a dissertação? [...] Posso vir a ser vítima de discriminação em futuros processos seletivos por motivos capacitistas – o preconceito que atinge as pessoas com deficiência – por conta dessa exposição? (Cirigliano, 2020, p. 21).

Ironicamente, a estrutura desse depoimento pouco se parece com a que construí na dissertação. Aqui, eu só queria contar a história dessa dissertação que sempre teve vida própria e que me construiu enquanto eu lhe dava forma. Afinal, eu fui apenas uma ferramenta para que ela ganhasse, imagine só... Um corpo.

REFERÊNCIAS

Anzaldúa, Gloria (2000). Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Estudos Feministas*, 8(1), 229-236.

Anzaldúa, Gloria (1987). *Borderlands/La frontera: the new mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books.

Barreto, Paula C. S. (2015). Gênero, raça, desigualdades e políticas de ação afirmativa no ensino superior. *Revista Brasileira de Ciência Política*, 16, 39-64.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (2016). *Documento da Área 2016. Área Ciências da Religião e Teologia*. <http://capes.gov.br/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao/74-dav/caa2/4643-teologia>.

Cirigliano, Manuela R. (2020). *Quando o corpo é um só: diversidade e construção de conhecimento na área de Ciências da Religião*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.

Eschenhagen, María L., Roca-Servat, Denisse, Vergara, Marcela, & Álvares, José R. (2018). Por qué, para qué y cómo problematizar para investigar? In María L. Eschenhagen, Gabriel Vélez-Cuartas, Carlos Maldonado, & German Guerrero Pino (Orgs.). *Construcción de problemas de investigación: diálogos entre el interior y el exterior*. Medellín: Universidad de Antioquia.

Hamonet, Claude & Ducret, Lucette (2017). Ehlers-Danlos-Tschernogobow syndrome: a frequent, rarely diagnosed disease whose patients are often the victim of an abusive psychiatrization. *Journal of Depression and Anxiety*, 6(3).

Haraway, Donna (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, 5, 7-41.

Lima, Betina S. (2017). *Políticas de equidade em gênero e ciências no Brasil: avanços e desafios*. Tese de doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.

Lima, Betina S. (2008). *Teto de vidro ou labirinto de cristal? As Margens Femininas das Ciências*. Dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

Schiebinger, Londa (2001). *O feminismo mudou a ciência?* Bauru: EDUSC.

Souza, Mailson F. C. (2018). Problemas metodológicos em ciências da religião: uma estranha familiaridade. *Interações*, 13(23), 73-93.

Vieira, Daniela L. R. (Org.). (2019). *Pessoas com deficiência e doenças raras: o cuidado na atenção primária*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

Zavala, Virginia (2010). Quem está dizendo isso? Letramento acadêmico, identidade e poder no Ensino Superior. In Claudio L. Vóvio, Luanda Sito, & Paula B. Grande (Orgs.). *Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada* (pp. 71-95). Campinas: Mercado das Letras.

QUANDO O CORPO É UM SÓ: SOBRE A CONSTRUÇÃO DE UM SABER LOCALIZADO

Resumo

Partindo do conceito de “saberes localizados” de Donna Haraway e amparando-se metodologicamente pelo pensamento de fronteira de Gloria Anzaldúa, a autora busca compreender as possibilidades analíticas de sua perspectiva de mulher com uma síndrome genética rara, a Síndrome de Ehlers-Danlos. O exercício acaba por produzir uma ferramenta que a auxilia em sua investigação sobre a representatividade feminina entre cientistas da área de Ciências da Religião e Teologia. Neste depoimento, a autora reflete sobre o papel do corpo na produção do conhecimento, compartilha um pouco de sua “conversa” com as teóricas feministas Donna Haraway e Gloria Anzaldúa durante a construção sua pesquisa de mestrado e relata as estratégias que utilizou para que sua dissertação simbolizasse adequadamente essa experiência.

Palavras-chave

saberes localizados. Borderlands. Ciências da Religião e Teologia. Corpo. Escrita acadêmica.

CUANDO HAY UN SOLO CUERPO: SOBRE LA CONSTRUCCIÓN DE UN CONOCIMIENTO SITUADO

Resumen

A partir del concepto de conocimiento situado de Donna Haraway y sostenida metodológicamente por el pensamiento fronterizo de Gloria Anzaldúa, la autora busca comprender la capacidad analítica de su perspectiva como mujer con un síndrome genético raro, el síndrome de Ehlers-Danlos. El ejercicio termina produciendo una herramienta que la ayuda en la investigación de la representatividad femenina entre los científicos en el área de Ciencias de la Religión y Teología. En este comunicado, la autora reflexiona sobre el papel del cuerpo en la producción de conocimiento, comparte algo de su "conversación" con las teóricas feministas Donna Haraway y Gloria Anzaldúa durante la construcción de la investigación de su maestría y relata a las estrategias que aplicó para asegurar que su disertación representaba adecuadamente esta experiencia.

Palabras clave

Conocimiento situado. Borderlands. Ciencias de la Religión y Teología. Cuerpo. Escritura académica

WHEN THERE IS ONLY ONE BODY: ABOUT THE BUILDING OF A SITUATED KNOWLEDGE

Abstract

Based on the concept of situated knowledge by Donna Haraway and methodologically sustained by the borderland thinking of Gloria Anzaldúa, the author seeks to understand the analytical capacity of her perspective as a woman with a rare genetic syndrome, the Ehlers-Danlos Syndrome. The exercise ends up producing a tool that helps her on the investigation of the female representativeness among scientists in the area of Religious Studies and Theology. In this statement, the author reflects on the role of the body in the production of knowledge, shares something of her "conversation" with feminist theorists Donna Haraway and Gloria Anzaldúa during the construction of her master's research and reports the strategies she applied to ensure that her dissertation was properly representing this experience.

Keywords

Situated knowledge. Borderlands. Religious Studies and Theology. Body. Academic writing.

CONTRIBUIÇÃO

Manuela Ribeiro Cirigliano

A autora declara ser a única responsável por todas as fases envolvendo a elaboração desta contribuição.

CONFLITOS DE INTERESSE

A autora declara não haver conflitos de interesse.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

A autora declara que foram observados os princípios e preceitos éticos que norteiam a pesquisa com seres humanos no estudo que serviu de base para a elaboração desta contribuição.

AGRADECIMENTOS

A autora agradece à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação São Paulo (FUNDASP).

COMO CITAR

Cirigliano, Manuela R. (2022). Quando o corpo é um só: sobre a construção de um saber localizado. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 9(24), 169-203.